



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

IV Seminário Internacional Sociedade Inclusiva

Propostas e ações inclusivas: impasses e avanços

Belo Horizonte
17 a 20 de outubro de 2006

Sessões de Comunicações

Realização:



PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CASCALHO¹

Carla Pereira Silva

Estudante do curso de Ciências Sociais da PUC Minas.

R. Sessenta e Um, 110 – Conjunto Felicidade, Belo Horizonte, MG. CEP: 31770-610

Telefones: (31) 8819-6926 / 3435-2556

carllaps@yahoo.com.br

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Embora a utilização dos recursos naturais seja inerente às necessidades de sobrevivência da humanidade, a crescente intervenção do homem sobre a natureza, baseada no desejo de dominação, aumentou exponencialmente, sem que houvesse, ao mesmo tempo, uma equivalência na recuperação natural do ambiente. Esse comportamento poderá levar mais gravemente a humanidade a enfrentar sérios problemas ambientais.

A preocupação com a degradação ambiental ganhou força em meados dos anos 50. A década de 60 foi marcada por grandes manifestações populares, que apresentavam denúncias e protestos contra a degradação ambiental e em defesa da natureza. Em 1965, o termo *Environmental Education* (Educação Ambiental) foi utilizado pela primeira vez, durante a realização da Conferência em Educação na Universidade de Keele, na Grã-Bretanha.

¹ Projeto de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel, através do Curso de Ciências Sociais, em parceria com o Curso de Gestão da Comunicação Integrada e financiado pela PROEX – Pró-Reitoria de Extensão. Foi idealizado e é desenvolvido pela aluna Carla Pereira Silva, sendo coordenado pela Professora Matilde de Souza.

Em 1968, um grupo de empresários e cientistas reuniu-se em Roma. O acontecimento ficou conhecido como “Clube de Roma” e resultou no financiamento do trabalho *Limites do crescimento (Limits to Growth)*².

Outro importante acontecimento para a consolidação do debate em torno dos problemas ambientais foi a realização, em 1972, da *Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano*, também conhecida como Conferência de Estocolmo.

A Conferência de Estocolmo gerou a Declaração sobre o Ambiente Humano, a qual oferecia orientação aos governos. “A recomendação n.º 96 da Conferência reconhece o desenvolvimento da Educação Ambiental como o elemento crítico para o combate à crise ambiental do mundo”. (DIAS, 2003, p. 36).

No ano de 1977, em Tbilisi, capital da Geórgia, a ONU, através de seu Programa para o Ambiente (PNUMA), juntamente com a UNESCO, realizou a *Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental*, conhecida como Conferência de Tbilisi, considerada referência internacional para a formulação de atividades de Educação Ambiental.

Segundo Dias (2003), baseado na Conferência de Tbilisi, são finalidades da Educação Ambiental:

1. Promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, social, política e ecológica.
2. Proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir os conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para protegerem e melhorarem o meio ambiente.
3. Induzir novas formas de conduta, nos indivíduos e na sociedade, a respeito do meio ambiente. (DIAS, 2003, p. 109)

Assim, utilizamos no presente trabalho a seguinte definição de Educação Ambiental:

O processo de formação social orientado para desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental. Prevê o desenvolvimento de atitudes que levem à preservação e ao controle ambiental, e de habilidades e instrumentos tecnológicos necessários à solução dos problemas ambientais.

² “Limites do crescimento (Limits to Growth)”, também conhecido como “Relatório Meadows”, produzido por uma equipe de especialistas do Massachusetts Institute of Technology – MIT, no qual se buscava apontar a extensão e a natureza dos principais problemas ambientais, utilizando-se um modelo cibernético da realidade do planeta. O documento causou grande impacto, tornando-se uma referência do movimento ambientalista na década de 70. (OLIVEIRA JUNIOR, 2000, p. 176)

A Educação Ambiental é um processo dinâmico, permanente e participativo, e as pessoas envolvidas são agentes de transformação social, que devem participar tanto do diagnóstico dos problemas, quanto da busca de soluções. É dividida em dois grandes grupos: Educação Ambiental Formal e Educação Ambiental Informal. O primeiro grupo é a Educação Ambiental ministrada em instituições de ensino, e o segundo envolve todos os segmentos da população. (MAZZINI, 2004, p.149)

Este texto pretende refletir sobre uma experiência em educação ambiental, realizada como atividade extensionista, que acontece com crianças moradoras do Morro do Cascalho e que se inspira no conceito de educação ambiental acima citado.

O MORRO DO CASCALHO

O Morro do Cascalho é uma ocupação urbana irregular, localizada no Aglomerado Morro das Pedras, na região Oeste de Belo Horizonte, sendo um dos maiores e mais antigos aglomerados da Região Metropolitana.

De 1945 a 1971³, existiu na área onde se localiza o Morro das Pedras um depósito não controlado de lixo, de propriedade da Prefeitura de Belo Horizonte. Essa área começou a ser ocupada na década de 40. Os primeiros moradores da área buscavam na pedreira areia e pedra para a construção de suas casas. Por volta de 1949, iniciou-se a ocupação da Vila do Morro do Cascalho, mas o auge da ocupação se deu em meados da década de 1960.

O Morro do Cascalho está situado entre os bairros Gutierrez e Grajaú, cujos moradores são, em sua maioria, de classe média. É justamente essa forte proximidade que gera certa surpresa, quando se chega ao Morro pela primeira vez, já que a segregação e a desigualdade entre o Morro do Cascalho e os bairros vizinhos são muito visíveis.

No Morro do Cascalho há uma biblioteca que foi construída com recursos provenientes dos direitos autorais relativos à publicação de um livro chamado “*No Mundo Maravilhoso do Futebol*”, composto de fotografias coloridas, pinturas sobre papel, pequenas histórias e um texto coletivo escrito pelas próprias crianças do

³ Fonte: *site* da Prefeitura de Belo Horizonte <<http://www.pbh.gov.br>>

local. Esse trabalho foi fruto de uma oficina de fotografia, ministrada por alguns fotógrafos às crianças e adolescentes do Cascalho.

A comunidade do Morro do Cascalho contou com alguns apoios e construiu a Biblioteca Comunitária, com o desejo de que fosse um lugar no qual as crianças, os jovens e os adultos pudessem se reunir e discutir assuntos ligados à própria comunidade.

Em 2003, a professora do Curso de Gestão de Comunicação Integrada da PUC-Minas São Gabriel, Elisa Rezende, realizou com as crianças do Cascalho um trabalho de produção de imagens da comunidade, que resultou na criação de um *site*⁴, no qual os participantes se expressam e descrevem suas realidades, através de fotos, desenhos, músicas e textos por eles mesmos produzidos.

Já em 2005, a professora Elisa continuou suas atividades na comunidade, através do projeto Morro do Cascalho, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas. Nesse mesmo ano, recebemos o convite da professora Elisa para ministrar um dia de oficina de Educação Ambiental na Biblioteca Comunitária. Realizamos a oficina plantando algumas mudas de árvores no Morro e, a partir de então, surgiu o interesse de formular e desenvolver um projeto de Educação Ambiental no local. A partir dessa experiência, elaboramos o Projeto de Educação Ambiental Cascalho, que foi aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas e que se encontra, com a orientação da professora Matilde de Souza, na segunda etapa de sua realização.

Além do Projeto de Educação Ambiental, a PUC Minas está desenvolvendo mais dois projetos⁵ na Comunidade do Cascalho, ambos do Curso de Gestão da Comunicação Integrada da PUC Minas São Gabriel, que são: *Morrinho na Rede* – Oficinas de introdução ao uso da Internet e criação de uma revista digital; e *Rádio Morrinho* – Oficinas de rádio e produção de programas de rádio, a serem veiculados na Rádio On-line⁶ – sob a coordenação das professoras Carmem Borges e Elisa Rezende, respectivamente – além da continuidade das atividades desenvolvidas no ano de 2005.

⁴ Conferir: <http://paginas.terra.com.br/educacao/morrodocascalho/cascalho.htm>

⁵ Conferir: <http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/morrodocascalho/projeto.htm>

⁶ Conferir: <http://www.fca.pucminas.br/radio>

O Projeto de Educação Ambiental Cascalho faz-se pertinente à realidade do Morro do Cascalho, devido à própria *demanda explícita*⁷, presente no *site* produzido em 2003, no qual os jovens e as crianças relatam algumas das dificuldades que lá enfrentam. Uma delas, bastante enfatizada, é a presença de lixo nos becos e nas ruas do Morro. Os jovens relatam que é oferecido pela prefeitura, através da SLU (Serviço de Limpeza Urbana), o serviço de coleta regular de lixo, no qual a empresa se encarrega de colher o lixo das quatro lixeiras localizadas em pontos estratégicos da comunidade. Entretanto, muitos moradores não depositam o lixo na lixeira, mas jogam-no fora das mesmas, nos becos, nas ruas, nos lotes vagos. Tal atitude resulta na proliferação de insetos e roedores, em mau cheiro e no aumento do risco de doenças (principalmente a dengue) para os moradores, especialmente para as crianças. Dessa maneira, podemos identificar a necessidade de ações de educação ambiental no local.

A Educação Ambiental deve chegar a todas as pessoas, onde elas estiverem – dentro e fora das escolas, nas associações comunitárias, religiosas, culturais, esportivas, profissionais, etc. – ela deve ir aonde estão as pessoas. (DIAS, 2003, p. 110).

Segundo o documento publicado pela Unesco em 1980, intitulado *La Educación Ambiental*, a estratégia fundamental para desenvolver a Educação Ambiental Não-formal, ou Informal (incluem-se as associações comunitárias, desportivas, turísticas, religiosas, culturais, ambientalistas, ecológicas, cívicas, sindicatos, etc.) consiste em integrar essa educação à gama cada vez maior dos programas já existentes.

O PROJETO EDUCAÇÃO AMBIENTAL MORRO DO CASCALHO

OBJETIVO GERAL: Promover atividades de educação ambiental junto a crianças e adolescentes moradores do Morro do Cascalho, localizado no Aglomerado do Morro das Pedras, em Belo Horizonte, MG, para propiciar condições de maior participação na defesa da qualidade de vida e do meio ambiente.

⁷ Demanda Explícita é definida por William César Castilho Pereira como sendo “as manifestações claras, definidas, concretas, elaboradas pelas pessoas ou grupos comunitários frente às suas necessidades e/ ou problemas”. (PEREIRA, 2001, p. 174)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ampliar os conhecimentos dos participantes sobre as questões ambientais e de seus problemas globais e locais;
- promover reflexões críticas sobre a temática ambiental e qualidade de vida;
- dialogar com os educandos sobre problemas ambientais da comunidade local;
- estimular os participantes para o exercício da cidadania e da adoção de atitudes, como a preservação, conservação e contribuição individual;
- incentivar os educandos a serem propagadores de conhecimentos e de práticas solidárias em relação ao Meio Ambiente, em sua família, escola e comunidade.

METODOLOGIA

Tendo em vista a realização das Oficinas, considera-se importante fazer um levantamento geral das condições ambientais atuais do Morro do Cascalho. Esse levantamento tem sido realizado através de observação *in loco*, cujas informações são cuidadosamente anotadas num Diário de Campo, bastante útil para orientar o trabalho específico do Projeto, que é a realização das oficinas.

A metodologia de execução do Projeto de Educação Ambiental Cascalho, considerado de modo mais estrito, baseia-se em conhecimentos teóricos e práticos que relacionam fatores sociais, históricos, políticos, éticos e naturais. O Projeto consiste na realização de oficinas temáticas, com a utilização de instrumentos pedagógicos lúdicos e criativos, como jogos, brincadeiras, cantigas de roda, confecção de murais e cartazes, confecção de objetos com materiais reaproveitados e reciclados, dentre outros, buscando, assim, incentivar o desenvolvimento da criatividade dos participantes e a obtenção de novos conhecimentos de forma atrativa e dinâmica.

As oficinas acontecem uma vez por semana na Biblioteca do Cascalho com a duração de duas horas e buscam abordar os seguintes temas:

- A água doce, seu ciclo, sua importância e as consequências de sua poluição;

- Os biomas brasileiros, o desmatamento, cidadãos que cuidam das plantas e dos animais;
- Lixo, de onde vem? E pra onde vai? Importância da reciclagem;
- Principais doenças vinculadas ao Meio Ambiente e suas prevenções. Importância do saneamento básico e da higiene;
- O que é qualidade de vida e quais os fatores que nela interferem;
- Poluição Sonora e do Ar;
- O que podemos fazer pela qualidade de vida?
- A minha comunidade.

Nas oficinas, são utilizados diversos recursos didáticos, como, por exemplo, vídeos e filmes, mapas e cartazes, jornais e revistas, cartilhas, jogos, experiências demonstrativas, teatros e músicas. Também foram programadas atividades externas, como visita à Fundação Zoobotânica e à PUC Minas São Gabriel.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, com a efetivação do Projeto de Educação Ambiental Cascalho, acrescentar aos participantes das oficinas conhecimentos sobre a temática ambiental, buscando incentivar maior sensibilização quanto à importância, ao funcionamento, aos problemas e à sustentabilidade do meio ambiente, resultando assim, em mudanças de atitudes dos participantes. Deseja-se também alcançar indiretamente famílias moradoras do Morro do Cascalho, por meio da propagação dos conhecimentos pelos participantes das oficinas, o que poderá gerar a difusão das informações a um número cada vez maior de pessoas e, conseqüentemente, contribuir para a diminuição dos problemas ambientais locais, como, por exemplo, o do lixo.

Admite-se que tal ação seja um recurso a mais para a promoção da inclusão social dos moradores do Morro, uma vez que se observa maior grau de degradação ambiental nas áreas onde as condições de saneamento ambiental ainda são

precárias, o que implica em condições pouco adequadas de habitação. Essas áreas coincidem com as regiões cujos habitantes possuem menor grau de escolaridade e menor renda.

MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

O monitoramento e avaliação têm sido feitos a partir de acompanhamento semanal da implementação, rotina e resultados da Oficina. Isto se torna possível pela prática de elaboração de um diário de campo e relatórios específicos para cada oficina. Nesses dois instrumentos, busca-se, não apenas o registro de questões objetivas, mas também a tomada de notas de elementos subjetivos, como impressões, conversas não-programadas, acontecimentos não-previstos, dentre outros, que se julgam relevantes para o acompanhamento e avaliação da atividade.

Objetiva-se, também a aplicação de questionários aos participantes das oficinas que têm a pretensão de captar sua percepção sobre questões ligadas ao meio ambiente e à comunidade do Cascalho. Esse questionário será aplicado em duas etapas: cinco meses após a realização do trabalho e ao final do projeto, como instrumento de verificação de possíveis alterações na percepção ambiental dos meninos e das meninas que participam do projeto.

O Projeto contará também com a avaliação da equipe do Projeto Morro do Cascalho, do curso de Ciências Sociais e da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas.

COMO ESTÁ SENDO EXECUTADO O PROJETO EDUCAÇÃO AMBIENTAL CASCALHO

1. Fases do Projeto

Para o bom andamento de todas as fases do projeto, tem sido muito importante a revisão bibliográfica. Estamos realizando leituras sobre métodos de

pesquisa, observação participante, educação ambiental, segregação sócio-espacial, trabalho comunitário, dentre outros. Essa necessidade mostra claramente que a atividade de extensão se faz aliada à atividade da pesquisa.

A primeira etapa do projeto consistiu no que podemos chamar de “entrada no campo”, na qual buscamos nos familiarizar com a comunidade do Morro do Cascalho. Para William César Pereira, *“familiarizar-se é fazer-se conhecido e conhecer; introduzir alguém num ambiente, sem cerimônia, status ou posição de superioridade, seja ela de poder, saber, prestígio ou de ordem econômica”*. (PEREIRA, 2001, p. 173)

Nossa entrada na comunidade se deu com a ajuda de Cibele dos Santos, que é moradora da comunidade e faz parte da equipe do projeto, como funcionária, atuando como mediadora e auxiliar na realização do mesmo. Essa relação estabelecida entre pesquisador e uma pessoa da comunidade, afirma PIRANI (1999), legitima a presença do pesquisador nos lugares onde este frequenta, pois a pessoa integrante da comunidade participa diretamente do meio, possui uma autoridade que permite ao pesquisador se movimentar no local.

Isto posto, as primeiras visitas à comunidade foram para reconhecimento das pessoas e do ambiente, ou seja, conhecer um pouco da realidade na qual iríamos intervir. Buscamos apreender a comunidade do Morro do Cascalho, não apenas como um objeto de estudo, mas, principalmente, como sujeito⁸ de sua própria História.

O início dessa etapa foi fascinante, gerava em nós uma sensação de ir ao encontro do desconhecido, do novo. Percorrer as ruas do Cascalho, perceber seu meio ambiente e conversar com os moradores, foi um momento de amadurecimento intelectual, pois foi possível uma apropriação prática de muitos elementos da literatura das Ciências Sociais, os quais nos foram ministrados em sala de aula. Nesse momento, diversos conceitos antropológicos puderam ser mais bem compreendidos, como, por exemplo, a entrada no campo como um “ritual de passagem”, o movimento de “estranhamento”, ou seja, de “transformar o exótico em

⁸ Segundo Denise Pirani, podemos compreender a noção de sujeito como sendo “grupos, populações ou comunidades que alcançaram a emancipação social, política, científica e que possuem poder e autonomia para rejeitar, aceitar ou questionar conceitos, categorias e noções elaboradas por pesquisadores “neutros”, isto é, oriundos do exterior à cultura estudada, que possuam um olhar “estrangeiro”, distante sobre a alteridade. (PIRANI, Denise, p. 22, 1999).

familiar e/ou transformar o familiar em exótico”, a desejável “neutralidade científica”, dentre outros. Tudo isso nos fez compreender o quanto a teoria é necessária para o bom desenvolvimento de um trabalho de extensão e quanto ambos dependem da pesquisa.

Segundo Roberto DaMatta,

Os antropólogos conduzem sua existência como profissionais, realizando essa dialética da experiência concreta com as teorias aprendidas na universidade, que eles podem falar das “suas tribos”, “favelas”, “comunidades”, “mitos”, “classes sociais”, “ideologias”, etc. (DAMATTA, 2000, p. 146)

Ainda nessa primeira etapa do projeto, procuramos entrar em contato com alguns moradores e lideranças locais. Outra ação por nós desenvolvida foi visitar as instituições e projetos existentes no Morro das Pedras, localizados próximos ao Cascalho.

A entrada do pesquisador no grupo passa, obrigatoriamente, por um sistema de negociações entre ele e seus informantes. O tempo dessa negociação varia segundo as características próprias de cada grupo, pois precisa-se conquistar a confiança dos informantes e do meio no qual eles estão inseridos. (PIRANI, 1999, p. 24)

A segunda etapa do projeto consistiu na divulgação das oficinas entre os moradores do Morro. Essas atividades foram todas registradas em relatórios e discutidas com a orientadora do Projeto, com vistas a ajustes e correções, caso fossem necessários.

A terceira fase, ainda em andamento e com duração até dezembro, consiste na realização das oficinas propriamente ditas. Essa fase teve início em maio de 2006 e, até o final do primeiro semestre desse mesmo ano, já foram realizadas onze oficinas na Biblioteca do Cascalho e duas, durante as visitas à PUC Minas.

Contudo, há uma atividade que integra o projeto, de suma importância e cuja duração equivale a seu tempo total, que é a pesquisa, já em execução, sobre o Morro do Cascalho. Buscamos um breve levantamento sobre a comunidade local, por meio de pesquisa histórica, análise de dados secundários já existentes sobre o Morro das Pedras, do uso da técnica de observação participante, conversas informais e, futuramente, realização de entrevistas com moradores antigos do Cascalho, busca de informações em diversas instituições, como a Regional Oeste,

escolas, e outras que atuam na comunidade e, é claro, através da interpretação dos desenhos e das falas dos participantes das oficinas.

Essas diferentes ferramentas utilizadas para o conhecimento da comunidade do Morro do Cascalho se fazem necessárias para que possamos, assim como relata PIRANI (1999), em seu texto, “*aprender a identificar signos, gestos, sons, odores, ritmos, linguagens, personagens típicos, enfim, todos esses códigos específicos dos ambientes onde foi realizada a pesquisa*” (PIRANI, 1999, p. 25).

Devemos ter em mente que não se deve fazer um trabalho de intervenção sem pesquisa, e esta pode ser feita antes, o que é recomendado, ou, como no presente caso, durante o processo de intervenção.

2. As Oficinas

As oficinas foram iniciadas em maio de 2006, somando ao todo quarenta e cinco crianças atendidas nas nove oficinas ministradas no primeiro semestre.

Nossa maior preocupação no início desse trabalho era se as crianças e adolescentes iriam ou não comparecer. As duas primeiras oficinas, infelizmente, não fluíram muito bem. Primeiramente, porque o número de participantes foi pequeno, ainda não havíamos conquistado a confiança das crianças, não conhecíamos o ritmo e dinâmica das mesmas e, além disso, éramos iniciantes nessa atividade.

Da terceira oficina em diante, as coisas correram melhor. Aprendemos que nossos planejamentos e metodologias não são camisas-de-força, mas guias da ação; aprendemos, também, que não seria adequado ter muitas expectativas sobre o desenrolar das oficinas. Assim, percebemos que deveríamos lidar com o inesperado, ou seja, executar um bom trabalho a partir da espontaneidade dos participantes e das situações geradas, sistematizar a experiência que poderia servir como orientação para a programação dos próximos passos. Podemos citar, como exemplo, a oficina na qual trabalhamos o tema: *Por que a água é importante?* Nesse dia não havia água no Morro do Cascalho, então nós aproveitamos esse fato para trazer essa discussão para a realidade cotidiana de cada um.

A nossa principal estratégia é justamente essa: incentivar os participantes a conceberem como meio ambiente não só as florestas, as bacias hidrográficas, os animais em extinção, mas o lugar onde eles vivem, logo, cuidar do meio ambiente seria cuidar do Morro do Cascalho.

Entretanto, não encontramos bibliografia suficiente que abordasse meio ambiente dessa forma. A maioria dos textos pesquisados não trabalha o termo meio ambiente como sendo também o ambiente urbano e, no nosso caso, as favelas. Esta lacuna tem-nos incentivado a pensar na possibilidade de novas ações que incorporassem pesquisa sobre a percepção ambiental no espaço urbano, como contribuição ao debate nas Ciências Sociais.

Isto posto, havia sempre em nós algumas inquietações: como desenvolver um trabalho de educação ambiental em lugares onde há uma precarização do ambiente? Como traduzir temas gerais em educação ambiental para o local específico onde os participantes das oficinas vivem?

Outro desafio por nós enfrentado diz respeito à idade dos participantes, que varia entre 2 a 15 anos. Não encontramos na literatura pesquisada metodologias de como trabalhar com idades mistas.

Contudo, buscamos adaptar nossa metodologia de trabalho às diferentes faixas etárias, o que não tem sido tarefa fácil, porque as crianças menores ainda não foram alfabetizadas e exigem uma linguagem específica. Já as crianças maiores de sete anos e, principalmente, os adolescentes requerem uma linguagem e conteúdos mais aprofundados.

O fato de as oficinas no primeiro semestre de 2006 acontecerem nas quartas-feiras limitava a presença de muitas crianças que estudavam à tarde ou participavam nesse mesmo horário de algum projeto social de entidades locais. Assim, o número de participantes em cada oficina era bastante variado, tendo a média de doze pessoas.

Com algumas exceções, os meninos e as meninas que participam do projeto não estão presentes em todas as oficinas, o que dificulta o trabalho contínuo, gerando assim a necessidade de que cada uma seja uma atividade em si mesma. É evidente que as elas possuem uma seqüência, mas não podem ser totalmente

interligadas, devido ao fato de não podermos contar com uma regularidade na participação das crianças.

Felizmente, encontramos uma forma que tem obtido sucesso de realizar as oficinas. Em cada uma, trabalhamos inicialmente de forma expositiva sobre uma determinada temática, depois fazemos uma pergunta geral a todos os participantes e, à medida que estes respondem, vamos ampliando o diálogo, fazendo novas perguntas a partir do que eles relatam. Posteriormente, damos a oportunidade a cada um de se expressar através de desenhos, pinturas e confecção de cartazes. Outra ferramenta utilizada é a fotografia. Os participantes de algumas oficinas também puderam fotografar o desenvolvimento destas, seus trabalhos e a própria comunidade do Cascalho.

Os temas já trabalhados nas oficinas foram: o que é meio ambiente; importância das árvores; o problema do lixo; ciclo, importância e luta contra o desperdício da água; o meio ambiente do Cascalho. Esse último tema tem sido abordado em todos os outros, porque é o foco central do nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Projeto Educação Ambiental Cascalho tem sido desafiadora e muito gratificante. Várias são as dificuldades, contudo trabalhar naquela comunidade tem-nos fornecido momentos ímpares e surpreendentes.

Hoje podemos dizer que o projeto foi aceito pela comunidade, muitos moradores já nos cumprimentam, as crianças e adolescentes nos identificam como pessoas que fazem parte do projeto e nos chamam pelo nome, outras, espontaneamente, também nos abraçam e beijam, e algumas, quando nos vêem, se interessam em saber os dias e o horário das oficinas. Assim, podemos afirmar que o nosso objetivo inicial, de conquistar a confiança e a familiarização das crianças e adolescentes, tem sido alcançado.

Para tanto, foi imprescindível nosso compromisso e regularidade na comunidade. A partir do mês de maio, estávamos presentes no Morro do Cascalho

em todas as quartas-feiras, independentemente de haver ou não pessoas para participar.

A *priori*, planejávamos trabalhar com crianças a partir dos 10 anos, todavia, logo nas primeiras oficinas, percebemos que a realidade seria bastante diferente. O grande público por nós atendido passou a ser justamente as crianças menores de 10 anos. No início do trabalho, isso foi razão de insegurança, hoje tem sido motivo de surpresa, porque essas crianças são as mais assíduas, durante as oficinas participam de forma ativa e absorvem rapidamente os conteúdos.

Outro ponto positivo tem sido a confecção de desenhos e pinturas durante as oficinas. Para os participantes, isto é o auge da oficina, pois é o momento em que eles se expressam de forma mais criativa e livre. Para nós também é o momento mais encantador, porque os desenhos produzidos são muito bonitos e significativos. E mesmo as crianças menores, quando perguntadas sobre seus rabiscos, relatam que, em sua imaginação, desenharam um pato, uma árvore, o céu, peixinhos, dentre outros.

As crianças e adolescentes que também participam da oficina de introdução ao uso da Internet, manifestaram espontaneamente o desejo de acrescentar na revista digital⁹ produzida, um *link* sobre meio ambiente, no qual descrevem o Morro do Cascalho e a importância de cuidar do meio ambiente. Isso significou para nós mais um resultado obtido com trabalho de educação ambiental.

Assim, acreditamos que tem sido positivo o saldo do projeto e que, felizmente, as dificuldades que encontramos aos poucos têm sido contornadas, o que produz em nós novas habilidades. Além disso, buscamos novas teorias e metodologias alternativas para resolvermos determinadas situações.

A experiência de intervenção é desafiante, porque, durante todo o tempo, devemos nos policiar para não nos sentirmos como um deles ou nos tornamos militantes de suas causas. Não pertencemos à comunidade, somos, antes de tudo, pesquisadores.

Não podemos nos esquecer de que entrar em contato com uma comunidade diferente da nossa nos dá a oportunidade de *“alcançar uma nova visão do homem e*

⁹ Conferir: <<http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/morrodocascalho/1edicao/meioambiente.html>>

da sociedade no movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele". (DAMATTA, 2000, p.153)

Dessa forma, as atividades de extensão universitária possibilitam que os alunos pratiquem os conhecimentos adquiridos na Universidade. Além disso, favorece as comunidades participantes, dando-lhes oportunidades de acesso, no nosso caso, a outros conhecimentos e perspectivas.

Portanto, a extensão universitária é um lugar para ensinar e, principalmente, aprender. Aprender que a prática é muito fascinante, mas que, sem a teoria, ela pode ser frustrante e sem sucesso. Logo, é um caminho de mão dupla, porque lemos e praticamos, aprendemos e ensinamos.

Manifestamos o desejo de que a extensão na Universidade seja valorizada e que novas portas sejam abertas para a adesão de mais estudantes e de outras comunidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

DAMATTA, Roberto. Trabalho de campo. In: **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 8ª ed. São Paulo: Gaia, 2003.

JUNIOR, José Alfredo de Oliveira. **Responsabilidade Civil por dano ao Meio Ambiente**. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2000.

GUERRA, Cláudio B. & BARBOSA, Francisco A.R. (orgs.) **Programa de Educação ambiental na Bacia do Rio Piracicaba: Curso Básico de Formação de Professores na Área Ambiental**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MAZZINI, Ana Luiza Dolabela de Amorim. **Dicionário Educativo de Termos Ambientais**. Belo Horizonte: A.L.D., 2003.

MINISTÉRIO da Educação e do Desporto. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. Brasília: MEC, 2004.

MORRINHO na Rede. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/morrodocasvalho/1educacao/>> . Acesso em 07 de julho de 2006.

MORRO do Cascalho. Disponível em <<http://paginas.terra.com.br/educacao/morrodocasvalho/cascalho.htm>>. Acesso em 03 maio de 2006.

PEREIRA, William César Castilho. **Nas Trilhas do Trabalho Comunitário e Social: teoria, método e prática**. Belo Horizonte: Vozes; PUC Minas, 2001.

PIRANI, Denise. Do campo ao texto, do objeto ao sujeito. **Cadernos de Ciências Sociais PUC MINAS**, v.6, n.9, p.21-33, ago. 1999.

PREFEITURA Municipal de Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.pbh.gov.br>>. Acesso em 04 abril de 2006.

PROJETO Morro do Cascalho. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/morrodocasvalho/projeto.htm>>. Acesso em 27 junho de 2006.

RÁDIO Online da PUC Minas. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/radio>>. Acesso em 27 junho de 2006.

RODRIGUES, Vera Regina. **Muda o Mundo, Raimundo!**: Educação ambiental no ensino básico do Brasil. Brasília: WWF, 1997.